

DOCUMENTOS

- I - S - T - Ó - R - I - A

Langsdorff no Brasil

Marcos Pinto Braga

Relato das viagens de Langsdorff

Assim como outros cientistas alemães que percorreram o mundo no início do século passado, o barão Georg Heinrich von Langsdorff (ou Grigorii Ivanovich Langsdorff, como tornou-se conhecido no serviço russo), foi aluno do famoso antropólogo Blumenbach, que, durante os quase cinquenta anos à frente da Cátedra de Antropologia da Universidade de Göttingen, recomendava a seus discípulos estudar, além do homem e das sociedades, o meio natural em que viviam. Formado em Medicina, Langsdorff era conhecedor da Mineralogia, Botânica, Zoologia, Etnografia, Geografia e outras áreas. A sua primeira passagem pelo Brasil ocorreu em 1803, quando fazia parte de um grupo de cientistas que viajava sob o comando do navegador Ivan Fiodorovitch Kruzenstern, nos navios “Nieva” e “Nadiesda”, na primeira viagem russa de circunavegação.

Como o porto do Rio de Janeiro era fechado a navios estrangeiros, a solução encontrada para reabastecer as naves foi uma parada na ilha de Santa Catarina, onde foram bem recebidos pelo governador Joaquim

Marcos Pinto Braga é doutor em História e professor da UnB.
Textos de História 1 (1993): 125-138.

H - I - S - T - Ó - R - I - A

Xavier Curado. Durante as seis semanas em que ali permaneceram, os cientistas pesquisaram a flora, a fauna e fizeram anotações sobre os hábitos e costumes da população. Foi quando nasceu em Langsdorff o forte desejo de algum dia retornar. Ao partir, escreveu em seu diário: "...e assim, tivemos que deixar o mais belo e rico país da terra. A lembrança de minha estada no Brasil permanecerá em minha mente por toda a vida".

De volta à Europa, publicou, em dois volumes ricamente ilustrados com seus desenhos, as anotações sobre a natureza e costumes de habitantes da Califórnia, Alaska, Havai, Nukuhiwa e outras ilhas do Pacífico, Japão, península do Kamtchatka. Passou a residir em São Petersburgo, onde estabeleceu contactos com largos círculos científicos e apresentava, regularmente, relatórios à Academia de Ciências, para a qual foi eleito membro extraordinário. Designado cônsul-geral e encarregado de negócios da Rússia no Rio de Janeiro, onde chegou em 1813, passou a dividir o seu tempo entre os afazeres consulares, atendimento aos navios da Companhia Russo-Americana de Navegação que atracavam no porto da cidade e a preparação de suas coleções sobre botânica, zoologia, mineralogia e antropologia, regularmente enviadas à Academia de Ciências de São Petersburgo.

A Rússia, impedida de comercializar com a Inglaterra devido à política do bloqueio continental, e, ao mesmo tempo, em guerra contra Napoleão, estava em busca de novos parceiros para suas exportações. Em 1812, ano em que Langsdorff recebera o título da Academia e publicava suas descrições sobre a viagem de

circunavegação, foi prorrogado o tratado comercial russo-português, datado de 1798. Naquele mesmo ano, ocorrera a indicação do cientista alemão para o posto consular no Rio de Janeiro. A escolha de seu nome não poderia ter sido mais acertada. Langsdorff falava e escrevia em português, por ter vivido seis anos em Portugal; entendia-se em russo e propunha-se a coletar e remeter a São Petersburgo amostras da flora e da fauna dos trópicos, seguindo a tendência da época de florescimento das Academias de Ciências nas capitais europeias.

Comprou, três anos após sua chegada, uma fazenda nos arredores do Rio de Janeiro, em uma região coberta pela Mata Atlântica, próxima ao porto da Estrela, de onde seguiam as tropas de mulas para Minas Gerais e por onde escoavam o ouro e os diamantes. Com o uso do arado de ferro, conhecido apenas na Europa, chegou a produzir café, mandioca, milho, batata, banana, tentando combater as práticas das queimadas e da monocultura, utilizadas pelos fazendeiros vizinhos. A fazenda tornou-se conhecida, mesmo na Europa, pela hospitalidade de seu proprietário e sua vasta biblioteca e coleções científicas, à disposição dos visitantes. Por ali passou Eschwege, mineralogista a serviço de Portugal em Minas Gerais. Em 1816, a fazenda recebeu a visita de Saint-Hilaire, com quem Langsdorff empreendeu a sua primeira expedição além da província do Rio de Janeiro. Em três meses de viagem a cavalo, percorreram 150 milhas, passando por Ouro Preto, Sabará, São João del Rei e Congonhas. Em seu relato, Langsdorff descreveu a situação econômica da região, a sua agricultura, mineração, manufaturas, hábitos da população e aspectos das

idades. No ano seguinte, foi a vez de Spix, Martius e Emanuel Pohl conhecerem as melhorias que haviam sido implantadas na fazenda. A correspondência de Langsdorff com a Academia de Ciências de São Petersburgo continha informações sobre atividades de outros cientistas, que percorriam diferentes regiões brasileiras.

Langsdorff pretendia organizar em suas terras uma colônia européia, com o objetivo de introduzir no Brasil conhecimentos sobre a indústria manufatureira, artesanato e novos métodos da agricultura. Com este propósito, assim como o de conseguir recursos para realizar uma grande expedição ao interior do país, partiu para a Europa, em viagem de férias, levando toda a família. Em 1820, publicou em Paris uma brochura contendo conselhos úteis destinados aos que quisessem se trasladar para o Brasil. No ano seguinte, chegou à capital da Rússia, onde foi homenageado com a Ordem de São Vladimir e nomeado Conselheiro de Estado. Em poucos dias, viu o seu projeto aprovado pelo czar Alexandre I, por quem foi recebido.

Ao retornar ao Brasil, em janeiro de 1822, a bordo do navio "Doris", trazia consigo o naturalista Jean Moris Édouard Ménétriès e o pintor Moritz Rugendas, contratados para a expedição, além de 85 colonos alemães, entre ferreiros, carpinteiros, marceneiros, carvoeiros, pedreiros, padeiros, agricultores e alfaiates, que deveriam ser instalados em suas terras. Logo depois, juntaram-se aos primeiros o botânico Ludwig Riedel e o cartógrafo Nester Rubtsov.

A situação brasileira estava conturbada. A população do Rio de Janeiro manifestava-se contra a pre-

sença da força militar portuguesa. Havia sido formado um novo governo, chefiado por José Bonifácio, que almejava a independência, evitando porém, a queda da monarquia e o rompimento total com a metrópole. Em fevereiro de 1824, Langsdorff recebeu autorização do governo para viajar às províncias de Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Mato Grosso e outras. Em maio, a expedição organizada por ele partiu em direção a Minas Gerais. Em seu relatório, escreveu: "Depois que partimos de Barbacena, antes de mais nada, visitamos lugares quase desconhecidos e geograficamente não determinados, às margens dos volumosos rios das Mortes e das Pombas. O primeiro deles é afluente do rio São Francisco e o segundo, do Paraíba. Durante seis dias, seguimos em direção ao oriente, pelo rio das Pombas, cujo curso serpenteia através de uma cadeia de montanhas e planícies, cobertas de matas virgens, e visitamos as recém descobertas e riquíssimas minas de ouro de Descoberta Nova". Em Ouro Preto, a expedição foi recebida pelo presidente da província José Teixeira da Fonseca e Vasconcelos. Seguiu depois para a região dos diamantes, passando por Gongo Soco, Caeté, Sabará, Santa Luzia, até à fazenda Barra do Jequitibá, local onde ocorreu a séria desavença e o desligamento de Rugendas, que levou consigo, indevidamente, 500 desenhos para Paris, mais tarde publicados em forma de gravuras. Em fevereiro de 1825, a expedição retornava ao Rio de Janeiro, após dez meses de viagens.

Com o recebimento de novos recursos do governo russo, o cientista preparava-se para a sua grande expedição ao Mato Grosso e Amazonas, pretendendo retornar ao Rio de Janeiro através das províncias do Nordeste.

Contratou dois novos pintores: Adrian Taunay e Hercules Florence, além do médico alemão Christian Hasse, para ocupar a vaga deixada por Ménériès. Em setembro daquele ano, Langsdorff, Rubtsov, Taunay e Florence seguiram para Santos a bordo de um navio comercial, enquanto Hasse e Riedel partiram por terra, reunindo-se o grupo todo em São Paulo. A longa permanência naquela província, motivada pelas mudanças de planos e preparativos, serviu para que os participantes da expedição enriquecessem as coleções científicas e os desenhos, quando percorreram diferentes localidades vizinhas, entre elas Sorocaba, Itu, Ipanema, Itapetininga, Faxina e Castro. Chegaram até Curitiba, tendo Langsdorff regressado ao Rio de Janeiro, levando as amostras coletadas e os relatórios para serem enviados à Academia de Ciências de São Petersburgo. De volta, trouxe sua esposa Wilhelmina.

Em abril de 1826, estavam todos reunidos em Porto Feliz, e os preparativos demoraram mais dois meses. A tão esperada partida ocorreu no dia 22 de junho, seguindo a expedição o caminho fluvial das Monções, através dos rios Tietê, Paraná, Pardo, Camapuã, Coxim, Taquari, Paraguai, São Lourenço e Cuiabá, para dali atingir o Amazonas. Antes da partida, Hasse resolveu abandonar a expedição.

Após percorrer cerca de dois mil quilômetros e ultrapassar 32 cachoeiras, o grupo chegou à fazenda Camapuã, na divisa com Mato Grosso, permanecendo ali por algum tempo, para efetuar pesquisas nas redondezas.

Para o estudo das ciências, a região era quase desconhecida. As mais importantes contribuições à sua exploração foram dadas pela expedição portuguesa de Manoel Felix de Lima, que em 1742 empreendeu a primeira viagem do Mato Grosso à Amazônia através dos rios da bacia do Madeira, e a de Francisco Leme, que em 1749 percorreu o mesmo caminho, em sentido contrário. A partir dos anos 20, Naterrer, que se estabelecera em Vila Bela da Santíssima Trindade, havia pesquisado vastas regiões ocidentais do Mato Grosso. No dia 30 de janeiro de 1827, Langsdorff e seus companheiros chegaram a Cuiabá, ficando em suas proximidades até o final daquele ano. Os primeiros dois meses foram dedicados à catalogação do material coletado e a execução de novos desenhos. Foram remetidas para o Rio de Janeiro, para dali serem enviadas à Rússia, onze caixas contendo mais de 800 objetos científicos, além de desenhos e relatórios. O portador foi o comerciante italiano Angelini, que regressava de uma viagem à Bolívia. A esposa de Langsdorff, grávida de seis meses, aproveitou a oportunidade para regressar ao Rio de Janeiro junto com a sua comitiva.

Depois de pesquisar a Chapada dos Guimarães e contactar tribos indígenas, a expedição dividiu-se em dois grupos: Riedel e Taunay seguiram rumo à fronteira com a Bolívia, pelos rios Guaporé, Mamoré e Madeira; ao passo que Langsdorff, junto aos demais, continuou em direção a Santarém, pelos rios Preto, Arinos, Juruena e Tapajós. O ano de 1828 transcorreu em dramática travessia da Amazônia. O período das chuvas dificultava a locomoção dos dois grupos. Em janeiro do ano seguinte,

Taunay morreu afogado ao tentar atravessar a nado o rio Guaporé, deixando sozinho Riedel, que seguiu viagem para reencontrar-se com Langsdorff em Barra do Rio Negro. O grupo que seguiu com o chefe da expedição partiu de Cuiabá no dia 5 de dezembro, mas, devido às chuvas, permaneceu em Diamantino até início de março do ano seguinte. A navegação tornou-se penosa e difícil. Quase todos os participantes da expedição passaram a sofrer fortes febres e padeciam por falta de víveres. Em abril, junto à uma aldeia dos Apiacá, às margens do rio Juruena, o estado de saúde de Langsdorff tornou-se crítico. Ao recobrar os sentidos, após longo desmaio, verificou-se que ele havia perdido a memória dos acontecimentos. Florence assumiu o comando do grupo até Belém, para onde se dirigiu também Riedel. No dia 26 de março, a bordo de um navio alugado, retornaram ao Rio de Janeiro.

Em 1830, todo o material produzido e recolhido: manuscritos, mapas, desenhos, coleções sobre Botânica, Zoologia e Etnografia foi remetido à Academia de Ciências de São Petersburgo, onde permaneceu no esquecimento por mais de um século. Talvez esse seja o último grande acervo clássico sobre o Brasil, até hoje pouco estudado. Embora sobre ele tenham sido escritos, desde o final do século passado, cerca de 400 trabalhos, em 10 idiomas, o Brasil desconhece o seu conteúdo, não tendo como utilizá-lo em benefício da ciência e da cultura.

As fontes escritas constituem-se dos diários, que descrevem a vida da colônia na época de sua independência; de trabalhos feitos pelos participantes da

expedição; de coleções de documentos sobre economia e população, fornecidas por autoridades governamentais e eclesiásticas; da correspondência mantida com outros naturalistas, com a diplomacia russa no Brasil e com pessoas do cenário político e econômico brasileiro. Entre as plantas de cidades brasileiras e mapas dos roteiros da expedição, executados pelo cartógrafo Nester Rubtsov, destacam-se a planta do porto de Santos, pela sua importância econômica, e a da colônia de suíços e alemães de Nova Friburgo, a mais antiga que se conhece. Sobre os magníficos desenhos de Moritz Rugendas, Adrien Taunay e Hercules Florence, este último, reconhecido como um dos inventores da fotografia, embora já tenham sido publicados, resta serem analisados no contexto da expedição. Resta também determinar a procedência de vários desenhos espalhados no Brasil e no exterior, principalmente alguns de Rugendas, que podem pertencer à iconografia da expedição.

Entre os manuscritos, estão os diários de Langsdorff, Florence, Ménétriès e Riedel. Os diários de Langsdorff constituem 26 cadernos, escritos em alemão arcaico, perfazendo 1.388 páginas, que atualmente estão transcritas em idioma moderno e datilografadas, trabalho feito na União Soviética, entre os anos de 1930 a 1965. Eles contêm dados sobre as fazendas, cidades, vilas, minas, vias de comunicação e populações indígenas. Cerca de 150 fazendas são mencionadas por Langsdorff, que dedicou especial atenção ao estudo de suas economias e estilo de vida de seus habitantes. O cientista registrou os métodos utilizados nos cultivos, as condições de vida dos escravos, o uso de máquinas e as formas de

administração. Em obras de outros viajantes estrangeiros não se encontram narrativas tão minuciosas sobre diferentes ramos da lavoura, pecuária, comércio ou sobre a produção manufatureira e artesanal. Sobre as vias de comunicação, ele descreveu as condições das estradas, as formas de construções e consertos de pontes, de travessias em balsas, os valores dos pedágios, as características das tropas de mulas, os preços dos alugueis de casas, de cavalos, os custos das navegações fluviais, os métodos de travessias das cachoeiras e os tipos de barcos utilizados. Com relação à população indígena, relatou suas lutas contra a invasão de suas terras, aspectos de sua organização social e cultural, tendo chegado a elaborar vocabulários das línguas das tribos dos Coropó, Coroato, Puri, Mechekerlé, Caiapó e Guaná.

Florence deixou, além de manuscritos, cartas e desenhos, o seu valioso diário de campo: um pequeno caderno contendo 238 páginas, escrito nos dois lados das folhas, guardado em São Paulo, no arquivo particular de Cyrillo Hercules Florence, último neto vivo do artista da expedição. Esse documento não foi ainda estudado, ou comparado com as variantes elaboradas pelo autor e que foram por diversas vezes publicadas. O zoólogo Ménériès elaborou um diário contendo informações sobre os hábitos, costumes e cenas características do Rio de Janeiro e regiões percorridas pela expedição; além de um diário de caça, que servia para determinar as coleções sobre a fauna. Escreveu dicionários, contendo centenas de palavras, com traduções para o francês, das línguas dos Puri, Coropó, Maxacali, Coroado e Botocudo. O botânico Riedel escreveu dois diários: um entre 1820 a

1823, de 91 folhas; outro, datado de 1827-1828, está incluído em um caderno de 114 folhas.

Além dos diários, fazem parte do acervo da expedição os trabalhos concluídos pelos seus participantes, as coleções de documentos sobre economia e população, a correspondência, os mapas e plantas de cidades brasileiras executados por Rubtsov e os desenhos de Rugendas, Taunay e Florence. Langsdorff considerava de grande importância o trabalho dos artistas, e queria publicar os desenhos juntamente com as suas narrativas. Nesse sentido escreveu: "Exigi dos artistas retratos exatos dos índios... Espero que tenham sido devidamente apreciados em São Petersburgo os desenhos da expedição. Eles revelam coisas que na Europa, até hoje, nunca se viram". Mas a atenção dos desenhistas era atraída também para outros temas, como vistas de cidades, cenas da vida cotidiana de senhores e dos escravos, ranchos, fazendas, pontes, e, como não poderia deixar de ser, para a flora e a fauna.

Base Documental

Esse complexo de fontes históricas, ainda não incorporado à pesquisa, encontra-se, hoje, na forma de microfilmes, depositado no Núcleo de Estudos Langsdorff, vinculado ao Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares e ao Departamento de História da Universidade de Brasília.

Conseguir a cópia do acervo foi possível devido aos esforços que se fazem em resgatar documentos sobre o Brasil, existentes no exterior. No caso específico dos materiais produzidos pela expedição Langsdorff, esse empenho vem desde 1946, época em que Rórido Melo Franco de Andrade era diretor do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. O diretor do Patrimônio Histórico tomou-se de interesse pelo acervo Langsdorff a partir de uma das variantes do diário de Hercules Florence, traduzida pelo visconde de Taunay e publicada em 1875. Em 1940, Gilbert Ferrez enviou, por intermédio do escritor Jorge Amado, uma carta à Academia de Ciências da União Soviética solicitando notícias sobre o material da expedição. Nos anos 60, a revista *O Cruzeiro* publicou uma série de reportagens sobre os documentos brasileiros conservados na Rússia, após uma viagem feita àquele país por Dom Clemente Maria da Silva Nigra, diretor do Museu de Arte Sacra da Bahia, que se informara a respeito através de Melo Franco de Andrade. Dois anos depois, Dom Clemente retornou à Rússia integrando a Missão Cultural Brasileira, chefiada por Assis Chateaubriand, com o objetivo de resgatar e publicar o acervo através dos *Diários Associados*.

Entretanto, devido à Guerra Fria que se acirrara no cenário mundial, provocando o surgimento de regimes ditatoriais na América Latina, o projeto sequer foi iniciado.

Em 1981, a Fundação Nacional Pró-Memória editou, por empenho de Aloísio Magalhães, o catálogo completo do material sobre a expedição Langsdorff existente

nos arquivos da Rússia, trabalho que havia sido publicado em Leningrado. Tal lançamento serviu para despertar o interesse de estudiosos brasileiros sobre a importância de se conhecer o conteúdo do acervo. Juntaram-se a esses esforços o Itamarati e o Ministério da Cultura, que em 1987 enviaram a Moscou e Leningrado uma comitiva cujo objetivo foi o de efetuar uma avaliação dos materiais e firmar acordos para uma exposição no Brasil, o que ocorreu no ano seguinte. A exposição, denominada "Langsdorff de Volta" foi inaugurada no Palácio do Itamarati e percorreu as cidades de Cuiabá, São Paulo, Rio de Janeiro e Belém. Mais recentemente, juntaram-se a esses esforços a Fundação Oswaldo Cruz, o Jardim Botânico do Rio de Janeiro e algumas universidades. Como resultado, no dia 25 de outubro de 1989, foi assinado, entre a Academia de Ciências da União Soviética e a Fundação Universidade de Brasília, um protocolo de cooperação científica, que prevê o estudo e publicações sobre todo o acervo.

Com o apoio da Companhia Vale do Rio Doce, foram microfilmados os documentos sobre a expedição e a sua época, existentes no Arquivo Histórico do Itamarati e em arquivos públicos de Minas Gerais, São Paulo e Mato Grosso. Este complexo de fontes históricas, ainda não incorporado à pesquisa, encontra-se, na forma de microfilmes, depositado no Núcleo de Estudos Langsdorff (NEL), vinculado ao Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM) e ao Departamento de História da Universidade de Brasília.

O acervo hoje reunido, reconhecidamente avaliado pela área acadêmica e cultural do país, deverá estar à

disposição de especialistas e estudantes, de diferentes áreas do conhecimento, tão logo seja possível concretizar os planos de tradução e publicação dos diversos materiais. A partir dessa necessidade, e a de viabilizar estudos interdisciplinares sobre toda a documentação, criou-se, com sede na Universidade de Brasília, a Associação Internacional de Estudos Langsdorff (AIEL), que coordena o projeto cultural e ecológico denominado *Langsdorff de Volta*, tomando como símbolo o nome daquele que dedicou a sua vida ao estudo da natureza e da sociedade, em diferentes partes do mundo. O projeto, definido no Artigo 3º dos Estatutos da Associação, tem o apoio da Academia de Ciências da Rússia, Universidade de São Petersburgo, Arquivo Central da Alemanha, Instituto Íbero-Americano de Berlim, Fundação Volkswagen, Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, Museu Imperial, Banco Itaú, Varig, Jornal do Brasil, universidades e outros centros de ensino e pesquisa.